



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

DIANA DO NASCIMENTO

O FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: O
INSÓLITO E A FUGA DA REALIDADE EM “O EX-MÁGICO DA TABERNA
MINHOTA” E “A LUZ É COMO A ÁGUA”

BRASÍLIA, DF

2021

DIANA DO NASCIMENTO

O FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: O
INSÓLITO E A FUGA DA REALIDADE EM “O EX-MÁGICO DA TABERNA
MINHOTA” E “A LUZ É COMO A ÁGUA”

Monografia apresentada ao Departamento de
Teoria Literária e Literatura (TEL) da
Universidade de Brasília para obtenção do título de
licenciada em Letras - Língua Portuguesa e
Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof.: Dr^a Adriana de Fátima
Alexandrino Lima Barbosa

BRASÍLIA - DF

2021

Sumário

Considerações iniciais.....	1
Contexto histórico e social: A modernidade que o mágico estava inserido.....	2
Análise da obra principal.....	4
Como surge o fantástico em uma obra, segundo Todorov.....	7
A hesitação em O ex-mágico da Taberna Minhota.....	9
O fantástico e a fuga da realidade em Gabriel García Márquez: conto “A luz é como água”...	11
Contradição: “a magia e a realidade que cansam”.....	14
Considerações finais.....	17
Referências bibliográficas.....	18

Resumo

Este trabalho tem como objetivos trazer características importantes da literatura fantástica tendo como base a obra “Introdução à literatura fantástica” de Tzvetan Todorov e, também, analisar dois contos que representam essa forma de escrever diferenciada, visto que combinam o mundo real com elementos insólitos de forma completamente natural. Os contos são: “O ex-mágico da Taberna Minhota” de Murilo Rubião e “A luz é como a água” de Gabriel García Márquez. No primeiro será feita a análise da narrativa e apontada a hesitação, um dos elementos do fantástico, assim como a fuga da realidade, por meio da magia, que o protagonista deseja, tema também presente no conto de García Márquez, porém que ocorre de maneira diferente. A princípio, pode parecer que a mágica sempre foi vista como algo positivo, como uma salvação, porém será mostrado que ela tem seus problemas e pode prejudicar quem a utiliza. A leitura do conto foi feita pensando também no contexto histórico-social que o protagonista vivia, sendo assim uma parte do trabalho está dedicada a mencionar aspectos relacionados à realidade que o mágico estava vivendo.

Palavras-chave: Murilo Rubião. Realidade. Magia. Fantástico. Todorov

Considerações iniciais

Murilo Eugênio Rubião nasceu em 1º de junho de 1916 em Minas Gerais e faleceu em 16 de setembro de 1991. Apesar de sua obra, focada no fantástico, não ser tão difundida no Brasil, Rubião é um importante e reconhecido escritor desse gênero no país e embora o fantástico apareça em algumas obras de outros escritores, o foco não era esse.

Foi na minha primeira formação, Letras Espanhol, que tive mais contato com o conceito de Realismo Mágico, importante movimento literário que ocorreu na América Hispânica no século XX cuja principal característica é a inserção de elementos insólitos na realidade. Agora, escrevo esse trabalho, fruto do questionamento: “Como a literatura fantástica se manifestou no Brasil?”, “Qual foi o principal escritor?” e a partir daí, selecionei o conto de um dos mais representativos autores desse gênero no país para trazer conceitos importantes relacionados ao tema e analisar como o fantástico está presente nele.

A proposta deste trabalho é analisar o conto “O ex-mágico da Taberna Minhota”, publicado pela primeira vez no livro “O ex-mágico”, em 1947. Após apresentar a história e apontar alguns elementos importantes, vou contextualizá-la com o momento histórico e social do Brasil na época em que ela se passa, ou seja, no início da década de 30. O conto remete a um problema presente na sociedade como o risco de desemprego, nessa época, em específico, esse problema tomou dimensões drásticas devido à Crise de 1929 nos Estados Unidos e que surtiu efeito em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Em relação ao fantástico, tratarei desse tipo de literatura usando como base o livro “Introdução à literatura fantástica” de Tzvetan Todorov. Trazer o conceito de literatura fantástica e como ela ocorre é muito importante para situar a obra e entender a qual gênero/subgênero ela pertence. Sabe-se que o fantástico é a união entre um elemento irreal que se mistura ao que consideramos normal, à nossa realidade, além disso, é necessário que ele atenda determinados pré-requisitos para ser definido como tal, esses critérios serão apresentados, bem como os limites de uma obra para que pertença a um gênero ou subgênero.

Um dos pré-requisitos mencionados acima é a hesitação que surge diante do elemento insólito, parte do trabalho será dedicado a trabalhar esse tema no conto de Rubião, após isso, tratarei sobre a fuga da realidade no conto de Murilo Rubião e no conto de Gabriel García Márquez “A luz é como a água”, em ambos os contos os protagonistas dispõem da magia, seja pela profissão, seja pela imaginação, mas a forma que é usada, ou não, varia.

Por fim, apresentarei a contradição que observo entre a mágica que em um momento é entediante e problemática e em outro é a solução para os problemas do protagonista do conto.

Contexto histórico e social: A modernidade que o mágico estava inserido

Definido como “amargo” e “longo” (RUBIÃO, 2010, p. 20), 1930 foi o ano em que o protagonista do conto inicia seu trabalho na Secretaria de Estado com o objetivo de fugir da realidade que o incomodava após tentar de várias maneiras tirar a própria vida. Se não sabia qual forma de suicídio lhe era mais conveniente, lenta ou rápida, pode-se dizer que resultou na lentidão: “[...] foi mais longo que os posteriores à primeira manifestação que tive da minha existência, ante o espelho da Taberna Minhota.” (RUBIÃO, 2010, p. 20-21)

O conto traz um problema que o mágico passou no início dessa década: o risco da demissão. Coincidentemente, muito perto desse ano, houve a Crise de 1929 que atingiu, primeiramente, os Estados Unidos, país que, até então, experimentou, ainda que com leves recessões, um período muito otimista, baixo desemprego, produções em alta, ganhos cada vez mais crescentes. O período pós guerra nesse país foi positivo.

Mesmo com limitações no setor bancário, a década de 1920 foi chamada de período da ‘Grande Transformação’ na economia norte-americana, tendo se centrado principalmente em três pilares básicos: a imigração, a produção em massa (de bens de consumo duráveis, em especial, de automóveis) e a importância dos salários na formação da demanda (LIMONCIC; MARTINHO, 2009). A combinação desses três elementos culminou na grande expansão da economia americana, que teve seu ápice no final da década de 1920. Esses três fatores estão intrinsecamente relacionados. A imigração colaborou para o crescimento do setor industrial, e conseqüentemente aumentou a porcentagem da população vivendo nas zonas urbanas: em 1930, 56% dos americanos moravam nas cidades, aumento significativo em relação a 1900, com 39% de população urbana (LIMONCIC; MARTINHO, 2009). A produção em massa de bens duráveis de consumo foi proporcionada por este aumento populacional nos centros industriais, e a mão-de-obra imigrante teve essencial importância na implantação das novas técnicas produtivas, como o fordismo e o toyotismo. (LIMONCIC; MARTINHO, 2009 apud FARIA, 2016, p. 50)

Entretanto, esse período de glória não duraria para sempre, a crise sofrida nos Estados Unidos teve sérias conseqüências e não ficou somente ali, vários países enfrentaram problemas financeiros e um deles foi o Brasil. Devido às relações com o país norte-americano, a crise não afetou somente os cafeicultores, sendo o café o principal produto exportador, muitas outras pessoas sofreram também com sua desvalorização.

Como resultado, muitos brasileiros perderam seus empregos. Definitivamente “1931 entrou triste, com ameaças de demissões coletivas na Secretaria” (RUBIÃO, 2010, p. 21). “[...] o 'crack' na bolsa de valores trouxe conseqüências desastrosas para o país, que ainda vivia uma industrialização incipiente e possuía um sistema econômico totalmente dependente das exportações do café” (SILVA, 2000, p. 176).

É difícil não associar o momento social que o país estava passando com essa situação vivenciada pelo protagonista, apesar da preocupação dele não ser a perda do emprego em si, mas sim de se distanciar da colega de trabalho. Percebe-se no conto a influência da sociedade, não sendo novidade que literatura e sociedade estão ligadas e o insólito pode surgir no dia a dia das pessoas, como acontece com o mágico tirando animais do bolso involuntariamente antes de entrar no serviço público e, ali, tentando usar seu poder para provar, falsamente, que não poderia ser demitido.

O Brasil da década de 1930 passou por mudanças significativas e, segundo Cândido (1999, p. 78), “A fase que vai de 1930 até o fim da Segunda Guerra assistiu ao começo da grande mudança social, econômica e cultural do Brasil, com o declínio das velhas oligarquias de base agrária e o ascenso da burguesia industrial, que passa lentamente aos controles do mando, ao mesmo tempo que as classes médias crescem em volume e participação social, e o operariado entra na vida política em larga escala.”.

Apesar de tudo, não se pode resumir apenas à crise que estreou a década de 30 no Brasil, ainda que haja ligações. A partir movimento político da 30, liderado por Getúlio Vargas contra a posse de Júlio Prestes, houve a instauração da Segunda República, mas foi na década de 20 que começaram a surgir impulsos que contribuíram para o enfraquecimento da oligarquia como a Crise de 29, mencionada anteriormente, e as demandas da classe média e baixa da população.

Análise da obra principal: “O ex-mágico da Taberna Minhota”

Em relação à natureza ficcional, o conto trabalha plenamente com a verossimilhança. Segundo Cândida Vilares Gancho (1991), ainda que os fatos sejam inventados, o leitor precisa crer no que leu, nesse conto está presente esse importante elemento para a compreensão por se tratar de uma narrativa fantástica e que precisa fazer o narrador hesitar entre duas possíveis explicações, esse tema será trabalhado adiante.

Elemento primordial, o narrador da história é também o protagonista principal e é importante mencionar que:

(...) distingue três tipos de narrador, mediante o seu lugar na diegese, a saber: narrador autodiegético, sendo aquele que narra as suas próprias experiências como personagem central da história; narrador homodiegético, aquele que, não sendo personagem principal da história, assume a tarefa de narrar os acontecimentos a ele concernentes e, por último, o narrador heterodiegético, sendo aquele que, não fazendo parte da história, é capaz de narrá-la, por conhecê-la muito bem. (GENETTE, 2018 apud SANTOS, 2012, p. 45)

O mágico do conto analisado é, claramente, um narrador autodiegético visto que conta tudo o que vivenciou e a partir do seu ponto de vista, além disso, transmite as falas de outros personagens, exceto a do leão, este, em uma passagem que será brevemente mencionada neste tópico, tem sua fala transmitida integralmente fazendo assim uso do discurso direto. Observa-se o travessão: “- este mundo é tremendamente tedioso - concluíram.” (RUBIÃO, 2010, p. 19). Com o “concluíram”, o narrador especifica quem falou.

O conto é narrado em primeira pessoa, a primeira fala do narrador é “Hoje sou funcionário público e esse não é meu desconsolo maior” (RUBIÃO, 2010, p. 17), como dito antes é também o protagonista e, além disso, sequer tem um nome, passa-se a conhecer vários dos seus atos em vida, mas não se nomeia e ninguém o chama pelo nome.

Na última citação apresentada acima, também podemos identificar o tempo, psicológico, predominante na história, visto que a ordem dos acontecimentos não é linear, ou seja, em vez do mágico contar a vida desde a infância, que seria o esperado, ele já começa falando sobre sua fase adulta, profissão e o fato extraordinário de já ter cabelos grisalhos. Para a surpresa do leitor, ele não fala sobre a infância, pois não a teve, já surge um homem adulto que não teve infância nem juventude.

O conto foi publicado pela primeira vez em 1947 no livro “O ex-mágico” e se passa no início da década de 30 em um Brasil marcado por várias mudanças sociais e políticas. O primeiro lugar apresentado, mas não em detalhes, é a Taberna Minhota, lugar cujo protagonista

retira do bolso o dono do restaurante após se ver de repente um homem adulto, aqui há um primeiro conflito que chama muito a atenção, não da parte do protagonista, visto que não se surpreendeu com esse acontecimento, porém o dono do restaurante e o próprio leitor se surpreendem com essa maneira do dono da taberna aparecer. É válido lembrar que é um conto fantástico, muitos fatos vão prender a atenção do leitor.

Após um tempo trabalhando nesse local, o patrão apresentou o mágico ao dono de um circo, não o agradava ver o funcionário entregando almoços grátis aos clientes e logo o homem passou a animar os espectadores do circo que, a princípio, não lhe davam muita credibilidade, mas logo seu show se tornou um sucesso, o mágico encantou a todos com o dom de fazer surgir animais e manipulá-los deu o lucro mais que esperado. Mas isso não significava que se sentia feliz, pelo contrário, parte do público eram crianças e isso era suficiente para deixá-lo triste, lembrando do início do conto, não ter vivido a infância o afetava muito.

“Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem? Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive: um nascimento e um passado.” (Rubião, 2010, p. 18)

Em um certo momento, a magia sai do controle e a todo momento animais ou um objeto aleatório apareciam em frente ao mágico causando-lhe constrangimentos como a ida à delegacia devido a soltura involuntária de serpentes na rua. Não tinha o que fazer, a não ser aceitar. A situação piorou quando seu sono foi atrapalhado pelos animais e para impedir isso, mutilou as mãos, mas elas cresceram novamente, decidiu então colocar fim à vida, fez surgir doze leões que deveriam devorá-lo, mas eles fugiram e voltaram no dia seguinte reclamando do tédio da vida. Isso, aliás, já reforça a ideia de que o mágico não aguentava mais a vida que possuía, nem os animais acharam boa aquela realidade.

Após isso, o mágico comeu todos os leões para morrer de indigestão, pulou de uma serra bastante alta e tentou atirar em si, mas cada tentativa foi em vão e continuou vivendo. Por fim, aceitou uma forma dita como “suicidar-se aos poucos” (RUBIÃO, 2010, p. 20): trabalhar em uma Secretaria de Estado.

O ano é 1930, de fato o trabalho o fez morrer aos poucos, seu deslocamento em relação aos outros e o ócio o fizeram pensar na falta de infância e na sua vida tão curta, tinha apenas três anos de existência: “(...) sendo diminuto no meu serviço via-me na contingência de permanecer à toa horas a fio. E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado.” (RUBIÃO, 2010, p. 20). Apesar de tudo, surge sentimentos por uma colega de trabalho, que assim como o dono do restaurante e o patrão, não tem grande destaque na obra esta é apenas

mencionada, não tem fala alguma, porém aqueles têm um pouco mais de participação, por exemplo, a partir das falas do patrão, transmitidas por meio do discurso indireto “(...) perplexo, me perguntou como podia ter feito aquilo.” (RUBIÃO, 2010, p. 17), o leitor descobre que o plano do mágico de provar que tinha dez anos de trabalho (e, assim, não ser demitido e continuar próximo da colega datilógrafa) não deu certo, o suposto comprovante de tempo de serviço seria fruto de magia, mas falhou porque o mágico perdeu os poderes por causa da burocracia.

O conto termina com o protagonista pensando em como teria sido bom ter criado um mundo mágico enquanto podia, agora, ainda que tente, não consegue mais e só lhe resta o arrependimento.

Como surge o fantástico em uma obra, segundo Todorov

No mundo real do personagem, onde a realidade dele é apresentada ao leitor, surgem acontecimentos insólitos e questionamentos como “isso é verdadeiro?” “É real ou não passa de um sonho?” são muito importantes para perceber se o fantástico está presente, se o leitor (assim como o personagem) opta por uma explicação, seja de acordo com a realidade (que o fato visto como sobrenatural faz parte do real) ou encarando como fruto da imaginação, de um sonho (esse fato sobrenatural não existe), o fantástico desaparece.

Nas palavras de Todorov “O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2017, p. 30).

Todorov menciona outros conceitos/ definições de Fantástico e ele mesmo aponta como “paráfrases uma da outra: há de cada vez o “mistério”, o “inexplicável”, o “inadmissível”, que se introduz na “vida real” ou no “mundo real”, ou ainda na “inalterável legalidade cotidiana”. (2017, p. 32). Fatores que fazem o leitor e também o personagem hesitarem entre uma explicação condizente com o mundo natural ou uma explicação que se baseia no sobrenatural e escolher um dos dois faz com que se entre em outros gêneros.

Já foi mencionada uma condição do Fantástico, a hesitação, e há outro fator que, embora não seja obrigatório para que o Fantástico aconteça, é importante mencioná-lo. A hesitação (ou não) dentro da obra. Diante dos fatos incomuns o leitor hesita, se questiona e fica diante de duas possíveis explicações para o fenômeno, mas não necessariamente haverá um personagem na história que fará o mesmo: “O leitor não se identifica pois com qualquer personagem, e a hesitação não está representada no texto” (TODOROV, 2017, p. 37)

Por fim, o terceiro fator que define/ pode definir o fantástico é, segundo o autor, a maneira de ler, que não pode ser “poética” nem “alegórica” (2017, p. 39). Por poética pode-se entender a necessidade da ficção dentro do fantástico, de acordo com o autor, esse gênero não aparece se rejeitamos as representações e consideramos a estrutura como combinação semântica, é preciso imaginar o que é descrito. (2017, p. 68). Quanto à alegoria, antes é bom concluir que um texto fantástico deve ser lido no sentido literal, mas se o texto pede uma leitura que não aponte nada sobrenatural, o fantástico desaparece. Os contos de fadas são exemplos disso quando o sobrenatural é visto apenas no interior do conto (2017, p. 71-72) e os leitores vão vendo-o desaparecer à medida que as descrições estão sendo apresentadas, percebe-se uma certa naturalidade.

Por fim, é interessante mencionar os limites do Fantástico também, a duração dele é o momento de hesitação, se questiona qual explicação dar a um evento sobrenatural, e o que há depois disso define a qual gênero ou subgênero pertence. Será trazido aqui, brevemente, as definições segundo Tzvetan Todorov (2017):

Estranho Puro: os fatos são explicados pela razão, mas são inquietantes, extraordinários e estão fortemente ligados ao sentimento, principalmente, de medo que o personagem passa.

Fantástico-estranho: fatos sobrenaturais que, no final da história, são explicados racionalmente.

Fantástico-maravilhoso: existe a aceitação do sobrenatural, por esse motivo é próximo do fantástico, visto que não tem uma explicação.

Maravilhoso-puro: a natureza desses acontecimentos não provoca reações no leitor nem no personagem, contos de fadas são bons exemplos, embora tragam fatos surreais, não provocam sentimentos como medo.

A hesitação em O ex-mágico da Taberna Minhota

O intuito desse tópico é trazer o conto “O ex-mágico da Taberna Minhota” partindo de alguns dos conceitos já mencionados trabalhados por Todorov sobre como a hesitação se manifesta em um texto fantástico bem como apontando os elementos insólitos visto que ambos estão relacionados.

Antes de tudo, pode-se definir o insólito como “algum elemento da narrativa que não se apresenta de modo coerente com a realidade exterior, universo racional do leitor real, conforme o senso comum estabelecido no convívio social.” (GARCÍA, 2011, p. 2). Dentro da produção de Murilo Rubião o insólito se apresenta de várias maneiras, para citar alguns exemplos, em “O pirotécnico Zacarias” a história é sobre uma pessoa que conta a própria morte e, ao que parece, não a aceita: “Em verdade, morri, o que vem ao encontro dos que creem na minha morte. Por outro lado, também não estou morto, pois faço tudo o que antes fazia e, devo dizer, com mais agrado do que anteriormente.” (RUBIÃO, 2010, p. 11) e em “Teleco, o coelhinho” um ser humano conversa e convive com um coelho que tem o poder de se transformar em outros animais “-À noite - prosseguiu - serei cobra ou pombo. Não lhe importará a companhia de alguém tão instável? Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.” (RUBIÃO, 2010, p. 47)

Para exemplificar, no conto analisado é possível perceber o insólito quando, de maneira não intencional, o mágico tira dos bolsos e do chapéu vários animais, provocando desde a graça de quem estava próximo até problemas com a polícia. Os incômodos causados pela mágica incontrolável chegaram a um nível insuportável, dessa forma, o protagonista mutilou as mãos na tentativa de não conseguir fazer mágicas, entretanto o próprio poder as devolveu.

Também, à noite, em meio a um sono tranquilo, costumava acordar sobressaltado: era um pássaro ruidoso que batera as asas ao sair do meu ouvido. Numa dessas vezes, irritado, disposto a nunca mais fazer mágicas, mutilei as mãos. Não adiantou. Ao primeiro movimento que fiz, elas reapareceram novas e perfeitas nas pontas dos tocos do braço. (RUBIÃO, 2010, p. 21)

Após fracassar no ato mencionado acima, o mágico tentou tirar sua vida usando os poderes, porém a própria mágica, involuntariamente, evitava a morte. Uma das tentativas foi tirar dos bolsos 12 leões que deveriam devorá-lo, mas os animais o ignoraram e fugiram, por fim, regressaram e foram comidos pelo homem, que queria morrer de indigestão, entretanto, continuou vivo.

O conto começa e termina com um forte sentimento de frustração, se uma pessoa comum, que passou por todas as etapas da vida está preparada para as frustrações dela, não se

pode dizer o mesmo do protagonista da história que sequer teve uma infância e juventude para ir se acostumando aos problemas da vida adulta. Assim como o já mencionado sentimento de frustração transmitido pelo protagonista, o leitor já se depara no início com um elemento insólito (o homem se ver, de repente, já adulto no espelho da Taberna Minhota) e com dúvidas que podem ser: como é possível alguém não passar pelas primeiras etapas da vida? Como pode “ser atirado à vida sem pais, sem infância e sem juventude” (RUBIÃO, 2010, p. 17). Seria parte da realidade o acontecimento? Um sonho?

Em seu trabalho “Entre o mundo mágico e a vida cotidiana: O fantástico de Murilo Rubião como manifestação realista dos impasses da modernidade”, Camila Maia levanta também perguntas que demonstram a hesitação “Essa ausência de passado levanta alguns questionamentos que nos levam, mais uma vez, à hesitação diante do mundo fantástico: seria o ex-mágico um louco? Teria perdido a memória? Ou tal lacuna seria a manifestação do maravilhoso e o ex-mágico seria um ser extraterreno, sobrenatural” (2018, p. 90)

Os questionamentos apresentados acima são naturais diante dessa quebra do esperado em uma rotina comum e fazem o leitor hesitar. No tópico anterior foi exposto esse aspecto segundo Todorov quando diz que o fantástico acontece na incerteza entre duas explicações para o fenômeno insólito (2017, p. 30), bem como quando estabelece que a hesitação pode, ou não, ser experimentada pelo protagonista (2017, p. 37), que é justamente o que ocorre, visto que o mágico não fica surpreso quando tira seu futuro patrão de dentro do bolso, por outro lado, este homem, dono de um restaurante, fica impressionado com o que aconteceu, busca uma explicação, mas parece se conformar com a primeira resposta que escuta do mágico, sem mais dúvidas: “Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado” (RUBIÃO, 2010, p. 17)

O fantástico e a fuga da realidade em Gabriel García Márquez: conto “A luz é como A água”

Em 6 de março de 1927 nasceu, em Aracataca (Colômbia), Gabriel García Márquez, ganhador do Nobel de Literatura em 1982, foi um dos maiores escritores e representantes do Realismo Mágico na América Latina.

O conto que será analisado faz parte do livro “Doze contos peregrinos”, ele narra a história de uma família que mora em um apartamento em Madrid, toda narrativa se passa nesse espaço, os filhos, duas crianças chamadas Totó e Joel, eram estudantes que, após receber prêmios na escola, ganhavam dos pais presentes. Embora morassem em apartamento, primeiramente pediram um bote e depois um equipamento de pesca, o que chama atenção é que esses presentes são incomuns no contexto em que vivem, como a mãe diz:

aqui não há outras águas navegáveis além da que sai do chuveiro. Tanto ela como o marido tinham razão. Na casa de Cartagena de Índias havia um pátio com um atracadouro sobre a baía e um refúgio para dois iates grandes. Em Madrid, porém, viviam apertados no quinto andar do número 47 do Paseo de la Castellana. (MÁRQUEZ, 1992, on-line)

O narrador, de terceira pessoa, além de contar a história tem uma breve participação, podendo assim ser definido como narrador testemunha: “Totó me perguntou como era que a luz acendia só com a gente apertando um botão, e não tive coragem para pensar no assunto duas vezes. — A luz é como a água — respondi. — A gente abre a torneira e sai.” (MÁRQUEZ, 1992, on-line). Essa resposta do narrador foi responsável por fazer com que as crianças entrassem nesse mundo fantástico.

Prevalece na narrativa o discurso direto, visto que os personagens a todo momento se manifestam e se vê muito presente o uso de verbos de elocução e travessões. Além dos irmãos, protagonistas da história, tem-se como personagens também os pais. Eles não são nomeados e suas participações se restringem a falas curtas e diretas, porém recorrentes em boa parte do conto.

Ao contrário de “O ex-mágico da Taberna Minhota”, o tempo no conto de García Márquez é cronológico, os fatos ocorrem linearmente, não há indícios de mudanças na ordem normal dos fatos por elementos surreais ou vontade de algum personagem, por exemplo.

Retornando ao enredo do conto, todas as quartas-feiras pela noite o casal ia ao cinema e as crianças ficavam sozinhas em casa, aqui surge o elemento surreal, mas que não causa espanto nos personagens: uma luz sai pela lâmpada quebrada, invade o apartamento e por ela

os irmãos navegavam e brincavam com seus presentes, esse é o momento em que a luz é como a água.

Após mais um reconhecimento escolar, os filhos ganharam dos pais uma festa, presente que causou surpresa nestes por ser mais coerente do que botes ou equipamentos de pesca, chamaram os colegas de classe e ficaram sozinhos festejando enquanto os pais estavam no cinema. O resultado desse encontro foi uma tragédia, com tantas luzes sendo liberadas ao mesmo tempo, a luz inundou o apartamento e, escorrendo pelo prédio, chegou até a rua. Todas as crianças que estavam ali se afogaram.

Pode-se notar o fantástico aqui quando o insólito entra em cena, para os meninos é perfeitamente normal navegar pela luz, imaginar que é água e nela mergulhar, passear de barco, usar bússola e sextante, porém o leitor hesita diante disso tudo, são ações que causam estranhamento: “Não há uma explicação lógica e racional perante esse ato, ou seja, é impossível de acontecer no mundo empírico.” (LIMA, CHRIST & BELLINI, 2012, p. 709)

O que antes se poderia supor como imaginação de criança, acaba sendo visto por vários adultos que presenciaram o acontecimento, o conto termina sem uma explicação lógica, o que daria para relacioná-lo com o “[...] o maravilhoso puro, que não se explica de nenhuma maneira.” (TODOROV, 2017, p. 63)

Entretanto, segundo Urzedo, aceitar o extraordinário de maneira natural não é fácil, ainda que seja definido que não há explicação (2011, p. 146), por isso ela traz o entendimento de que “A luz é como água” é, na verdade, um conto fantástico.

Após contextualizar o conto desde o ponto de vista do fantástico, será apresentada a fuga da realidade de Totó e Joel com o objetivo de distração. Tanto em “A luz é como água” como em “O ex-mágico da Taberna Minhota” se vê pessoas que buscam fugir da realidade que vivem de alguma forma, no próximo tópico esse tema será tratado no conto de Rubião.

Totó e Joel aparentemente têm uma vida que permite disfrutar do que muitas crianças gostariam de ter, entretanto apenas o que a realidade oferece não é suficiente, a imaginação deles busca o que seria impossível no apartamento, a falta de espaço é um impedimento para isso, por exemplo. A própria mãe afirma e logo o narrador reafirma:

aqui não há outras águas navegáveis além da que sai do chuveiro. Tanto ela como o marido tinham razão. Na casa de Cartagena de Índias havia um pátio com um atracadouro sobre a baía e um refúgio para dois iates grandes. Em Madrid, porém, viviam apertados no quinto andar do número 47 do Paseo de la Castellana. (MÁRQUEZ, 1992, on-line)

O narrador nessa história conta o que se passa e não só participa em certo momento como também fala algo que, ao que tudo indica, despertou a imaginação dos meninos para criar um mundo fantástico dentro da própria realidade:

Esta aventura fabulosa foi o resultado de uma leviandade minha quando participava de um seminário sobre a poesia dos utensílios domésticos. Totó me perguntou como era que a luz acendia só com a gente apertando um botão, e não tive coragem para pensar no assunto duas vezes. — A luz é como a água — respondi. — A gente abre a torneira e sai. (MÁRQUEZ, 1992, on-line)

Ele “diferentemente dos narradores típicos da literatura infanto-juvenil não demonstra um ensinamento prático para as crianças, ao contrário, ele lhes dá asas para que alcem voo no mundo da imaginação.” (ALVES, 2013, p. 67-68)

Uma conclusão que pode-se chegar é que a o cotidiano talvez cansativo e tedioso dessas crianças, que inclusive se esforçavam muito para ganhar os presentes dos pais, era recompensado com um momento de distração, longe de regras impostas, de limitações espaciais e que envolveu até outras crianças de semelhante imaginação fértil: “Em Madrid de Espanha, uma cidade remota de verões ardentes e ventos gelados, sem mar nem rio, e cujos aborígenes de terra firme nunca foram mestres na ciência de navegar na luz.” (MÁRQUEZ, 1992, on-line)

Contradição: “a magia e a realidade que cansam”

Esse título foi retirado de um texto de Arrigucci e serve para exemplificar que, a princípio, pode parecer incrível ter poderes mágicos, mas percebe-se que é uma fragilidade do protagonista que a tenha de maneira compulsória, em vez de ser algo transformador da realidade, é um incômodo que o perturba até perdê-los de vez. Esse argumento se baseia em grande parte do conto, desde quando ele perde o controle da magia até quando tenta se livrar dela, forma-se o clímax, a tensão que faz o leitor ficar curioso com o que acontecerá.

Pode-se notar algum arrependimento do narrador protagonista com suas tentativas de “retirar com os dedos, do interior da roupa, qualquer coisa que ninguém enxerga, por mais que atente a vista”. (RUBIÃO, 2010, p. 21) ou com seus lamentos sobre não poder criar um mundo mágico, no final do conto ele reflete:

seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer os rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris que cobrisse a Terra de um extremo a outro. E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas (RUBIÃO, 2010, p. 21)

Entretanto, nem sempre foi assim. Antes dos poderes serem anulados, o dom sobrenatural era algo que incomodava o mágico, tirar animais dos bolsos não era o que queria, fazia no trabalho e de forma automática, o tédio chegou a um nível tão absurdo que tentou se mutilar e tirar a própria vida.

Outro ponto que a citação anterior traz e que é interessante para comparar o posicionamento do protagonista em dois momentos da história é a lembrança que ele tem dos homens de cabelo branco e das crianças. Se antes sentia indiferença pelas palmas do seu público que em parte era composto por criancinhas e lhe faltava emoção por ver nelas um destino sofrido comum a todos aqueles que irão amadurecer na vida (2012, p. 17), parece que depois o que deseja é o reconhecimento delas e passa a ter uma visão não negativa das crianças agora chamadas de meigas e dos homens de cabelo branco, vale lembrar que o cabelo do mágico estava dessa forma quando ele se viu no espelho da Taberna Minhota, embora indiferente a esse fato insólito, se define como “cansado e entediado” (RUBIÃO, 2010, p. 17) justamente nesse momento.

Há uma contrariedade de ideias, se antes ele não reconhecia as vantagens de ser mágico, depois percebeu que poderia fazer muito mais do que impressionar pessoas no serviço ou pelas ruas, involuntariamente, porém era tarde demais. Há uma contradição, mas é importante saber que são coisas que se passam em momentos diferentes, ele só percebeu isso quando perdeu.

“Se, porém, como se vê em O Ex-mágico da taberna minhota, a mágica é compulsiva, o insólito se transforma, aos olhos do artista, no banal. O fantástico, se vira regra, também cansa: para o mágico, a contragosto, tirar coelhos do bolso sem parar é o tédio.” (ARRIGUCCI JÚNIOR¹), nem sempre a magia foi a esperança de um mundo melhor, de um mundo que o fizesse escapar da realidade.

No tópico anterior foi falado sobre a fuga da realidade no conto “A luz é como a água” de Gabriel García Márquez, em Rubião pode-se notar que esse desejo era ter o amor da colega de trabalho, uma comprovação desse fato é que tentou evitar a própria demissão no complicado início da década de 30 para poder ficar perto dela, mas falhou, assim como o desejo impossível de criar um novo mundo que poderia substituir o que vivia. Importante lembrar que o conto começou com o narrador já adulto, caracterizando, assim, o tempo psicológico (ele não nasceu sendo um bebê e foi crescendo à medida que o tempo se passava) e o momento que é mencionada a colega datilógrafa coincide com os três anos de vida do protagonista, contando a partir de seu “nascimento” em frente ao espelho da taberna.

A partir desse momento reconhece que não pode mais fazer mágica e, conseqüentemente, não conseguirá fazer o mundo mágico, pensando da seguinte forma: “não me conforta a ilusão. Serve somente para aumentar o arrependimento de não ter criado um mundo mágico.” (RUBIÃO, 2010, p. 21) e porquê o protagonista está incapacitado de criar esse mundo? A burocracia do trabalho o fez perder o dom que tinha.

Enquanto ainda tinha poderes sobrenaturais, o mágico exercia seu trabalho em um restaurante animando os clientes e depois se tornou um mágico no circo. A maneira que é descrita, brevemente, a relação com o patrão/ ex-patrão pode indicar um outro fator que contribuía para a frustração do protagonista: seu trabalho alienado e simplesmente gerador de lucro, no qual ele não se via representado, o fato do mágico entregar almoços grátis aos clientes incomodava o dono do restaurante (pratos retirados magicamente do paletó que, ao que tudo indica, nem custava algo ao patrão). Como citado por Camila Maia, “A produção inconsciente do mágico nos lembra do trabalho estranhado, alienado, ao qual o homem fica submetido no sistema capitalista, produzindo, cada vez mais, um mundo no qual não se reconhece e daí advém, em muito, sua infelicidade.” (MAIA, 2018, p. 92)

Posteriormente, começou o trabalho como funcionário público, a sua última tentativa de se suicidar, ainda que aos poucos (2010, p. 20) e ali viu que realmente estava morrendo aos poucos, pois o serviço o deixava entediado, ocioso e isso se tornou um gatilho que o lembrava

¹Disponível em <http://www.murilorubiao.com.br/criticas.aspx?id=1>. Acesso em 27/10/2021.

do fato de não ter tido infância e juventude: “E o ócio levou-me à revolta contra a falta de um passado” (RUBIÃO, 2010, p. 20). Além disso, nota-se que manter relacionamentos humanos não era uma habilidade do mágico, pois tinha dificuldade de se aproximar da datilógrafa, já citada acima, e manter um relacionamento amigável com outras pessoas, já que, assim como no público do circo, no trabalho público preferia manter distância dos colegas.

Conclui-se que o protagonista fazia o que tinha que fazer no serviço, seja para se manter, seja para pôr um fim na vida, mas seguia as regras que não lhe traziam plenitude, mas sim distanciamento de seus semelhantes e, no desfecho do conto, há um personagem triste por ter sido incapaz de fazer o que queria e que viveu apenas para o trabalho.

Mas há ainda uma terceira determinação do trabalho alienado, que pode ser inferida, tanto a partir da alienação do produto em relação ao trabalhador, bem como da alienação deste em relação ao ato da produção. Essa forma do trabalho alienado é a alienação do ser humano em relação à sua espécie, ou seja, enquanto trabalhador, não se reconhece enquanto ser social.² (LUZ; BAVARESCO, 2010, p. 145)

Considerações finais

A literatura fantástica no país teve como um de seus representantes Murilo Rubião, embora em outras obras brasileiras autores como Machado de Assis tenham trazido elementos fantásticos (Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, um defunto conta a história da sua vida), é Rubião um dos principais autores desse gênero que mistura o absurdo ao real.

Este trabalho buscou trazer elementos importantes para identificar uma obra como pertencente à literatura fantástica, como a hesitação que o leitor experimenta durante a leitura, para, depois, relacionar com o conto “O ex-mágico da Taberna Minhota e com “A luz é como a água”, de Gabriel García Márquez, além de tratar da fuga da realidade nesses dois mundos diferentes e iguais ao mesmo tempo, mundos que até certo ponto entediavam os protagonistas.

Causando surpresa em todos ou não, o absurdo estava presente e servia/ serviria para mudar uma realidade, como menciona Luciana Santos: “A narrativa fantástica moderna questiona a razão, na medida que mostra a dura convivência do ser humano em um mundo que determinada cultura estabelece como normal, propagando um comportamento social que oprime e leva o homem às raias do absurdo.” (SANTOS, 2006, p. 5).

Foi apontada também a contradição que existe quando a mágica é entediante e quando é vista como salvação, em “O ex-mágico da Taberna Minhota” se vê que ambas acontecem, mas em momentos diferentes, pois o protagonista passou por uma situação que o fez mudar de perspectiva sobre a utilidade do dom que tinha, porém era tarde demais. Além desses temas, a contextualização histórico-social da época em que se passou o conto foi feita para relacioná-lo com um elemento que define muito a maneira de viver do mágico: o trabalho. Este fator influenciou a perda de poderes e, conseqüentemente, foi o impedimento para a criação de um mundo melhor.

Referências bibliográficas

ALVES, Danúbia Ferreira. As representações do imaginário infantil nas obras de Lygia Bojunga e Gabriel García Márquez. *In: Anais do CENA*, nº 1, 2013 (Uberlândia). Anais. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 59-69.

CÂNDIDO, Antônio. *Iniciação à Literatura Brasileira (Resumo para principiantes)*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

CHRIST, Geisiara Priscila; LIMA, Érika Tamirys de. O poder da imaginação em *A luz é como a água*, conto de Gabriel García Márquez. *In: IX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA SÓLETRAS - Estudos Linguísticos e Literários*. 2012. Anais... UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná – Centro de Letras, Comunicação e Artes. Jacarezinho, 2012. ISSN – 18089216. p. 706-711.

FARIA, Débora Jacintho de. *Crise de 1929: Convergências e divergências entre o Partido Democrata e o Partido Republicano nos Estados Unidos*. 2016. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GARCÍA, Flávio. Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. *In: XII Congresso Internacional da ABRALIC Centro*, 2011, Curitiba. Congresso. Curitiba, 2011. Disponível em <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0010-1.pdf>. Acesso em 12/10/2021

LUZ, Ricardo Santos da.& BAVARESCO, Agemir. s.d. Trabalho alienado em Marx e novas configurações do trabalho. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/796/734>. Acesso em 29/10/2021

MAIA, Camila Nascimento. Entre o mundo mágico e a vida cotidiana: O fantástico de Murilo Rubião como manifestação realista dos impasses da modernidade. 107 f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras – IL, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2018.

RUBIÃO, Murilo. *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, Carlos Roberto da Silva. O papel do narrador na literatura e no cinema [manuscrito]: Estovo de Chico Buarque e Ruy Guerra. 119 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2012

SILVA, Otavio Pinto e. A revolução de 1930 e o direito do trabalho no Brasil. *Revista da Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo, São Paulo*, v. 95, p. 177-190, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

URZEDO, Luma Maria Braga de. *A luz é como a água*, de García Márquez: a criação de um universo fantástico. *Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, UNIPAM*, v. 4, p. 143-147, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/63424325-A-luz-e-como-a-agua-de-garcia-marquez-a-criacao-de-um-universo-fantastico.html>. Acesso em: 17/10/2021

Sites consultados:

<https://docero.com.br/doc/sven>. Acesso em 17/10/2021

<http://www.murilorubiao.com.br/criticas.aspx?id=1>. Acesso em 13/09/2021